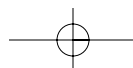


Algo voa para o sol e não se sabe
se é a bola ou se é a própria terra
BALDOMERO FERNÁNDEZ MORENO

Ante a sua rede aguarda
a baliza todavia, aranha parda
MIGUEL HERNÁNDEZ

1

O relvado. Da bancada é um tapete verde. Liso, regular, aveludado, estimulante. Da bancada talvez julguem que, com semelhante tapete, é impossível falhar um golo e muito menos errar um passe. Os jogadores correm como sobre patins ou como figuras de ballet. Quem é derubado, cai seguramente sobre um colchão de penas, e se agarra, dorido, um joelho é porque o gesto faz parte de uma pantomima maior. Além disso, cobram bastante dinheiro simplesmente por se divertirem, por se abraçarem e treparem uns sobre os outros quando o que fica por baixo desse suado conglomerado marcou o golo decisivo. Ou não decisivo, dá no mesmo. O bom é treparem uns so-



bre os outros enquanto os rivais regressam aos seus lugares, taciturnos, amargos, cabisbaixos, cada qual com a sua barata solidão às costas. Da bancada, é tão desfrutável o cacho humano dos vencedores como o drama particular de cada vencido. Claro que, certos espectadores espertalhões sabem sempre como fazer a jogada mestra e nunca chegam a explicar-se, e sobretudo a explicar aos seus vizinhos, porque é que este ou aquele jogador não consegue fazê-la. E quando o árbitro marca a penalidade, o espectador espertalhão também intui para que lado irá o tiro, e um segundo depois, quando a bola saltita já nas redes, não consegue compreender como é que o guarda-redes não o soube. Ou talvez soubesse e deliberadamente se tenha lançado ao outro poste, num alarde de masoquismo ou venalidade ou estupidez congénita. Da bancada é tão fácil. Conhece-se a história e a pré-história. Ou seja, possuem-se os elementos suficientes para comparar a inexpugnável eficácia daquele defesa olímpico com a lentidão do actual aselha, que não acerta nunca e é contornado uma e mil vezes. Recordação baça de uma época em que havia um *centre-half* e um *centre-forward*, cada um bem plantado no seu território próprio e capaz de distribuir o jogo a sério e não jogando por jogar, como agora, não é? O espectador veterano sabe que quando o *football* se converteu em futebol e a *ball* em bola e o *dribbling* em finta e o *centre-half* em médio e o *centre-forward* em indivíduo em dificuldades, tudo se desmoronou e essa é a explicação para que muitos levem para o estádio os seus rádios ou transístores, já que pelo menos aqueles que relatam a partida dão um pouco de emoção às estupendas jogadas que imaginam. Bom, é para isso

que lhes pagam, não é verdade? Para imaginar estupendas jogadas e tudo bom. Por isso, quando alguém marcou um golo e depois dos abraços e pirâmides humanas o jogo é retomado, o locutor idóneo continua pendurado no «o» do seu goooooooooo, que na realidade é uma jogada sua, subjectiva, pessoal, e não exactamente do avançado que se limitou a empurrar com a testa um centro que, entre todas as outras, elegeu a sua cabeça. E quando o locutor idóneo chega por fim ao desenlace do «o» final do seu goooooooooo privado, já o árbitro assinalou um fora-de-jogo que favorece, porque não, a equipa da casa.

É bom contemplar ao menos uma vez o campo daqui, do alto. Assim, pelo menos, pensa Benjamín Ferrés, vinte e três anos, digamos, avançado de um Clube Pequeno, ultimamente em alta segundo os cronistas desportivos mais exigentes, e que hoje, depois de empatar com o Clube Grande e de tomar um duche e vestir-se, não se foi do estádio com o resto da equipa e preferiu ficar a olhar, da bancada já vazia (só restam os vendedores de café e gelados e bandeirinhas, que recolhem os seus haveres ou fazem talvez contas), aquele campo no qual esteve a correr durante noventa minutos e inclusivamente converteu um, o segundo, dos dois golos que deram ao Clube Pequeno aquilo que costuma chamar-se um ponto de ouro. Sim, daqui de cima o relvado é um tapete, quase um pano verde como o do casino, com a importante diferença de que lá os números são fixos, permanentes, e aqui (ele, por exemplo, é o oito) mudam constantemente de lugar e além disso repetem-se. Talvez com o magricela Suárez (que traz o onze preso às costas) pudessem formar uma das duplas negras. Ou não. Porque dos dois, só o Magricela é escurinho.

Agora levanta-se um vento arisco e as bancadas de cimento são percorridas por copos de plástico, folhas de jornal, bilhetes de entrada, almofadinhas, bolas de papel. Remoinhos quase fantasmagóricos dão a falsa impressão de que as bancadas se movem, giram, bailam, sacodem por fim o sol da tarde. Há papéis que sobem as escadas e outros que se precipitam no vazio. Benjamín (Benja, para a claque) sente uma rabanada de desconsolo, de estranha ansiedade ao confrontar-se (pela primeira vez?) com a quimera de cimento em estado de pureza (ou de sujidade que é quase o mesmo) e ocorre-lhe que o estádio vazio, desolado, é como um esqueleto da multidão, um eco fantasmagórico dessa mesma turba quando ruge ou aplaude ou insulta ou agita bandeiras. Pergunta-se como se terá visto o seu golo daqui, desta bancada geralmente ocupada pelas hostes do adversário. Para os lá de baixo, o estádio é sempre inimigo: milhares e milhares de vozes que os acossam, os perseguem, os afundam, porque geralmente o que joga aqui, a permanente equipa da casa, é um dos Grandes, e os lá de baixo só vão ao estádio quando lhes calha defrontá-los, e nessas ocasiões mal conseguem arrastar, no melhor dos casos, algumas centenas de fanáticos do bairro, que, embora se esganiçem e agitem como loucos a sua única e gasta bandeira, na realidade não contam, é impossível que tapem, da sua ilhota de alaridos, o grande rugido da claque maior. Lá em baixo sabe-se que existem, claro, e isso é bom, e de vez em quando, quando se suspende o jogo por lesão ou por troca de jogadores, os do Clube Pequeno vão com o olhar ao encontro daquele cantinho de bancada do qual a sua bandeira envia sinais em código, sinais secretos

como os da batota. E esta é a melhor anfetamina porque os enche de saudável euforia e além disso não aparece nos controlos anti-dopping.

Hoje empataram, não foi mau, diz para si o Benja, o número oito. E ainda melhor porque todos os seus ossos estão inteiros, apesar da aleivosa rasteira (esquivada só por intuição) que lhe dedicaram na barafunda que antecedeu o primeiro golo, dois segundos antes que o Colorado empurrasse a bola com o peito do pé e a colocasse, inacessível, junto ao poste esquerdo.

2

Ao fim e ao cabo, a praia é minha. Há já quinze anos que a venho adquirindo em pequenas quotas. Quotas de sol e dunas. Todos esses chegados, chegadas e chegadinhos que se vêem estendidos sobre as rochas ou debaixo dos chapéus ou correndo atrás de uma bola de faz-de-conta ou jogando com raquetas num rectângulo marcado na areia com linhas que de tempos a tempos se apagam, todos esses estão na praia graças a mim que lhes permito estar. Porque a praia é minha. Meu o horizonte com toninhas remotas e três barquinhos à vela. Meus os peixes que os meus pescadores extraem com as minhas redes antigas, remendadas. O ar salitroso e os castelos de areia e as alforrecas e as algas que trouxe a penúltima onda. Tudo é meu. Que seria de mim, o número oito, sem estas manhãs em que a praia me convence de que sou livre, de que posso abraçar esta rocha, que é a minha rocha-mulher ou talvez a minha rocha-mãe, e estirar-me